

Mas enfim, o que é a Arte do Teatro?

Antonio Januzelli
Ator e Diretor

Conhecia o Luís Otávio Burnier de nome e dos corredores da Escola de Arte Dramática - USP onde cruzei com sua figura grega duas vezes, mas sem nos determos para conversar.

Em 1982 ia para Paris e o estimado Miroel Silveira pediu-me que levasse dois livros de presente para seu pupilo. Esse foi o canal de um primeiro encontro efetivo entre nós dois. Ganhei, assim, por dois dias, um cicerone especial na capital francesa. Teve início, nesse momento, uma amizade que perduraria até sua partida. Iniciamos uma correspondência cujo tema central era a figura do ator no teatro; e o conflito que ele próprio vivia naquele período - decidir estabelecer-se de vez na França, ou retomar suas raízes, voltando definitivamente ao Brasil.

Nesses contatos por carta, procurava sempre persuadi-lo a voltar, para compartilhar conosco o conhecimento prático de teatro adquirido nesse longo exílio. Penso que em conversas semelhantes com outros amigos brasileiros a tônica geral foi reforçar seu retorno.

Luís Otávio teria dez anos para implantar suas idéias e métodos, alimentados pelos nove anos que permaneceu na Europa e somados aos anos anteriores ainda no Brasil, desde o seu começo, na adolescência, em Campinas e posteriormente na EAD de São Paulo.

Com sua instalação na UNICAMP, todo um ciclo de atividades e lutas se desenvolveu no esforço de aprofundar as suas linhas de pesquisa sobre o ator e abrir espaço para disseminá-las. Assim, fundou o LUME um núcleo de pesquisas que tem por objetivo pesquisar a arte de ator.

Sempre projetávamos encontros para intercambiarmos as descobertas que realizávamos em nossos laboratórios de estudos práticos de ator. A corrida contra o tempo não permitiu, mas há um vasto legado seu que a equipe atual do LUME está ampliando e

aprofundando e ao qual poderemos juntar forças e empreender a construção de um Centro Internacional dedicado às investigações da Arte Dramática.

Entre nossas propostas de trabalho diferenciam-se a terminologia (já que esta é singular a cada grupo de investigação teatral, e algumas linhas de direcionamento prático), mas convergem em sua essência na paixão que a ambos move: pesquisar direcionamentos para a arte de ator, e que só têm razão de ser se acordarem algo em nós, seres vivos, com a mesma idade do Planeta Terra.

O objetivo deste breve relato é ressaltar alguns aspectos primordiais do estudo de Burnier, e que reputo de suma importância na atual cena brasileira, pois no campo da pesquisa prática sobre o nosso ator, raras experiências estão registradas entre nós.

Ele aponta a necessidade de continuamente se estar inquirindo o que é o teatro e denuncia a guerra entre o diretor e ator, que mais lhe parece uma batalha pelo poder do que pela arte, pois o diretor toma de "assalto" o teatro, deixando o ator submetido a esse ataque por não estar municiado das armas adequadas para defender-se. Para ele a arma do ator é a sua técnica, que propicia, ao ator, acordar e drenar as suas energias potenciais.

Discípulo exemplar de Etienne Decroux, com o mestre apreende os fundamentos que regerão sua busca infatigável: "para que exista arte é necessário a técnica, mas ela de nada valerá se não trabalhar com as energias e vibrações mais profundas do indivíduo, que traspassem as emoções". Uma nova postura diante da arte lhe estará sendo tocada pelo espírito do mestre francês: "devemos ensaiar a peça antes de escrevê-la".

O que pontua o trajeto de Burnier? Uma decisão, uma determinação, uma constância, em que a meta última estava desde então nitidamente clara, objetivada.

Com esses princípios norteadores e a partir do trabalho agora com atores brasileiros, e estudando 'in loco', através de inúmeras viagens realizadas a diversos cantos de nosso país, presenciando as nossas manifestações culturais e espetaculares, vai apreendendo as ações físicas e os componentes vivos e mecânicos do comportamento do homem brasileiro. Esse estudo determinará um ramo de suas pesquisas que ele denominará "A Dança Pessoal" - uma dança de

possessão de si mesmo, que se manifesta ao avivarmos nossas energias interiores e profundas.

Precisamos nos empenhar neste futuro próximo para um registro desses vários processos que se desencadeiam no continente brasileiro e que são praticamente desconhecidos. Esse é o único canal que permite ampliarmos nossas descobertas.

Diante da dimensão do Brasil, das variadas experiências que são desenvolvidas na produção teatral, a falta de registro dificulta a divulgação e, em decorrência, o empobrecimento da troca de experiências. Estamos despertando para perceber a importância da investigação nessa nossa área, que deverá tornar-se um farol de grande apoio também aos campos das outras ciências, apoio ainda pouco explorado.

Pois existe uma outra dimensão de atuação de nossas potencialidades, dimensão essa que elimina desgastes físicos, mentais e emocionais em qualquer atividade que o homem se proponha a realizar, que atua em harmonia com todos os segmentos humanos e da natureza em seu todo. Este canal, que a pesquisa prática do trabalho sobre o ator permite vislumbrar, é o espaço operado pela percepção das vibrações que qualquer organismo vivo da natureza emite em seu trajeto de vida. Vemos apenas massa, porque possuímos um olhar que trabalha com sua capacidade mínima e não com sua potencialidade máxima. Esse trabalho preliminar para atingirmos um nível de atuação condizente com aquilo que é nossa potencialidade superior está relacionado diretamente com um exercício de intensificação de nossos canais perceptivos.

Burnier articula a figura do ator-pesquisador!

Para mim o teatro é a arte de tocar a alma. Objetivamente e não apenas como atitude poética. Quem mais perto está em seu ofício para tornar esse toque efetivo é o ator. Que ator? O ator-pesquisador, aquele que, diariamente, inquirir e experimenta estratégias para galgar tal fim. Essa possibilidade existe, enquanto fato, se dominarmos essas estratégias. Aprendê-las é uma diligência longa, em que é necessária a postura firme e decidida de deslocar o falso chão que nos serve de aparente apoio.

O trabalho do Burnier e sua equipe se insere nesse diapasão. Acionada, essa trilha do ator pesquisador presenteia-nos com descobertas que transcendem a arte de ator, atingindo zonas que re-

acessam o homem a novos parâmetros de percepção sensorial e intelectual.

Como testemunha da ação desse novo homem/ator, o espectador transcende junto e conecta essa outra dimensão que faz parte da vida, mas à qual, por falta de atenção e ação, raramente estamos conectados. Não nos falta talento para isso. Apenas estamos desviados do caminho dessa sabedoria tão antiga quanto a idade do homem na Terra.

E serão estudos desse porte, comandados pelo LUME e raros em outros núcleos, que re-orientarão na retomada desse sentido indispensável para um projeto de arte e existência plenas. Estamos comodamente instalados no veloz mundo das máquinas e da alta tecnologia. O grande risco é esquecermos de vez a nossa origem, a nossa identidade humana. Massa-luz.

Aprendi com Joseph Chaikin, do Open Theatre, o mesmo princípio que Burnier destaca ao afirmar que o conhecimento implícito no ato artístico é um conhecimento que emerge diretamente do ato de fazer, do ato de produzir. Chaikin afirma que tudo na vida do homem se aprende através do exercício do fazer contínuo. Essa constatação vai contra a educação formal que recebemos, que privilegia a informação, o estudo teórico das coisas pela criança e pelo adolescente, não o levando quase nunca diretamente à experiência do fazer, do experimentar fazendo, para depois refletir e associar com as coisas outras já realizadas.

A arte de ator é a arte presente, viva, de expor-se inteiro.

Na raiz dessa busca/investigação estabelecem-se a polêmica de que vida e arte não se confundem. Para mim, a defesa dessa idéia se atrasa uma percepção mais profunda da arte dramática. Essa defesa vem, na onda, do teatro psicológico, de o ator não confundir a vida dramática com a vida real. Com o advento das novas experiências teatrais, principalmente nesta segunda metade do século, fica-nos claro que essa arte é um exercício de intensificação da vida e não algo à parte dela. Resgata essa qualidade em nossa vivência, que o mundo da alta tecnologia, mecanização e consumo que nos rodeia, nos força a desviar.

Burnier, no estudo que faz da arte de ator, expressa essa dissociação que nos tentam impingir, defendendo a existência de algo intrínseco que se manifesta no fazer artístico, que nasce do âmago da

vida. A arte de ator não é uma representação da vida, mas a intensificação desta, o que permite uma conexão direta com a dimensão mais espiritual do homem.

Há a necessidade explícita da técnica, sem o que não há arte, mas ao representar o ator não pode fazê-lo sem vida. Seu corpo não é um corpo-mecânico mas um corpo-em-vida, um corpo pessoa, animado, habitado, vibrante, reluzente, segundo citação de A. Appia.

Burnier constata a freqüente fragilidade do trabalho dos atores em relação aos apelos extremos da criação e da técnica. Esse trabalho frágil e não raro ausente, impede o contato com o real potencial de energia do artista e que, presente, o levará a vislumbrar mais profundamente o significado de nosso ofício.

A Técnica em Vida

"Para meus atores friso isso sempre: trabalharmos a anti-técnica". Deseja eliminar a idéia de uma técnica fria, desvinculada do impulso vital. Uma técnica anti-técnica para possibilitar o acesso direto à fonte dos impulsos originais, primitivos. Ela, em si mesma, uma técnica sutilíssima que envolve um comprometimento integral com a operação/materialização das vibrações que modelam o fato artístico ao vivo.

A técnica-em-vida. Agrada-me muito essa cunhagem do Burnier. Uma técnica pulsante que leva o ator a primeiramente entrar em contato consigo mesmo "acordando e dinamizando elementos adormecidos, latentes e potenciais do ser"; uma técnica que estabelece o contato entre nossa dimensão interior e a dimensão física e mecânica.

Lembra ele a afirmação de Decroux de que "a conquista da liberdade pelo artista está vinculada à sua AUTONOMIA quanto às outras artes e sobretudo à literatura", e que o ator, ao representar, não busca uma personagem já existente, "ele constrói uma equivalente por meio de suas ações físicas. Em nenhum momento ele deixa de ser ele mesmo". Decroux indica, desse modo, um outro estágio de nossa arte, desvestindo-a da ditadura da literatura, com isso diluindo, também, a necessidade de personagens em cena e abrindo caminho para uma

revisão do ato criador cênico, onde o ator cria a emoção pela sua maneira de agir, e não pelas falas que pronuncia.

Ator-pesquisador. Termo lavrado para significar uma postura do artista de teatro, aquele que faz e que está permanentemente inquieto, perguntando-se o que é a sua arte, para onde ela aponta, o que ela lhe exige e o que lhe oferece, o que é sua natureza e particularidade única? A abertura do LUME para todas as fontes que favorecem a amplificação de caminhos que desvendem os princípios e práticas que se conjugam para formação de um ator conectado com sua época e a essência de sua arte, nos força a exigir-lhe a continuação dessa jornada, apesar de todas dificuldades que sempre se apresentam pelo caminho.